

Glaudston Silva de **Paula***
<http://orcid.org/0000-0001-8066-2925>
Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA) - Rio de Janeiro, Brasil.

Antonio Marcos Tosoli **Gomes****
<http://orcid.org/0000-0003-4235-9647>
Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA) - Rio de Janeiro, Brasil.

Karen Paula Damasceno dos Santos **Souza*****
<http://orcid.org/0000-0002-0520-4905>
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro, Brasil.

Diogo Jacintho **Barbosa******
<http://orcid.org/0000-0001-8816-1770>
Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA) - Rio de Janeiro, Brasil.

Caren Camargo do **Espírito Santo*******
<http://orcid.org/0000-0003-1319-6965>
Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA) - Rio de Janeiro, Brasil.

Marcia Pereira **Gomes*******
<http://orcid.org/0000-0002-7872-5891>
Hospital dos Servidores do Estado (HFSE) - Rio de Janeiro, Brasil.

glaudstondepaula@gmail.com - mtosoli@gmail.com - paulakaren8@gmail.com
jacinthobarbosa@gmail.com - carencamargo.enf@gmail.com - mpsemog@gmail.com

Morte e despedida: Análise processual de morte e morrer para grupos religiosos e ateus

RESUMO

Este artigo objetiva analisar comparativamente as representações sociais da morte e do morrer para grupos religiosos diversos e pessoas ateias. Para este estudo qualitativo, do tipo descritivo e exploratório, colaboraram 27 participantes, dentre os quais integrantes dos seguintes templos religiosos: espírita, católico, protestante, umbandista, candomblecista; e ateus de uma universidade pública. A coleta de dados ocorreu nestes cenários, utilizando um roteiro de entrevista semiestruturado, seguido por formulário de caracterização sociodemográfica. Os dados deste estudo foram analisados à luz da abordagem processual da teoria das representações sociais, com o auxílio do *software* Iramuteq. Os resultados apontam dois eixos sobre o processo de morte e morrer. O primeiro aborda aspectos conceituais e afetivos, e o segundo, mecanismos de enfrentamento individual. Concluímos ser necessário um cuidado integral e respeitoso às crenças de morte e morrer destes indivíduos, embora esta etapa da vida represente o ceifamento biológico, o preparo do corpo para além de um procedimento assistencial, deve prezar pela crença religiosa ou filosofia irreligiosa do paciente, pois honra sua memória social, ao considerar a dimensão ir/religiosa do mesmo.

Palavras-Chave: Representações Sociais; Morte; Morrer; Religiosidade; Cuidado de Enfermagem.

* Doutor em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. Atualmente é professor Auxiliar no Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA), Rio de Janeiro. CV: <http://lattes.cnpq.br/6299057799584567>

** Doutor em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente é professor Titular do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/2550343379671285>

*** Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). CV: <http://lattes.cnpq.br/2619521306421215>

**** Doutor em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professor Auxiliar no Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA). CV: <http://lattes.cnpq.br/9156608576972229>

***** Doutora em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente no Centro Universitário Gama e Souza (UNIGAMA). CV: <http://lattes.cnpq.br/1853654402330572>

***** Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Enfermeira no Hospital dos Servidores do Estado (HFSE). CV: <http://lattes.cnpq.br/8739054978701958>



Death and Farewell: Procedural analysis of death and dying for religious and atheist groups

ABSTRACT

This article aims to analyze comparatively the social representations of death and dying for diverse religious groups and atheistic people. For this qualitative study, of the descriptive and exploratory type, 27 participants collaborated, among which, members of the religious temples: spirits, catholic, protestant, umbanda, candomblé; and atheists from a public university. Data collection took place in these scenarios, using a semi-structured interview script, followed by the sociodemographic characterization form. The data of this study were analyzed in light of the social representations' theory classic approach, with the aid of the Iramuteq software. The results point out two axes of the death and dying process, the first discusses conceptual and affective aspects and the second addresses the individual's coping mechanisms. We concluded that it is necessary a holistic and respectful care to the beliefs of death and dying of these individuals, although this stage of life represents the claiming of a life, the preparation of the body beyond a care procedure, it must value the patient's religious belief or irreligious philosophy, as it honors his social memory, when considering the ir/religious dimension of it.

Keywords: Social Representations; Death; Dying; Religiosity; Nursing Care.

Muerte y despedida: Enfoque procesual de la muerte y el morir para grupos religiosos y ateos

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar comparativamente las representaciones sociales de la muerte y el morir para diferentes grupos religiosos y ateos. Para este estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio colaboraron 27 participantes, entre ellos miembros de los siguientes templos religiosos: espírita, católica, protestante, umbanda, candomblé; y ateos de una universidad pública. La recolección de datos ocurrió en estos escenarios, utilizando un guion de entrevista semiestructurado, seguido de un formulario de caracterización sociodemográfica. Los datos de este estudio fueron analizados a la luz del enfoque procesual de la teoría de las representaciones sociales, con la ayuda del software Iramuteq. Los resultados apuntan a dos ejes sobre el proceso de la muerte y el morir. El primero aborda aspectos conceptuales y afectivos, y el segundo mecanismo de afrontamiento individuales. Concluimos que la atención integral es necesaria y respetuosa de las creencias de muerte y morir de estos individuos, si bien esta etapa de la vida representa la cosecha biológica, la preparación del cuerpo más allá de un procedimiento asistencial, se debe valorar la creencia religiosa o filosofía irreligiosa del paciente, porque honra su memoria social, al considerar la dimensión ir/religiosa del mismo.

Palabras clave: Representaciones Sociales; Muerte; Morir; Religiosidad; Cuidado de enfermera.



A morte e o morrer são processos irremediáveis de finitude da vida, que delineiam experiências marcantes para pacientes, profissionais cuidadores, amigos e família, em que cada um ativa uma forma de enfrentamento peculiar, face às respectivas religiosidades. Embora a temática da religiosidade, religião e morte/morrer sejam pouco aprofundadas na área de enfermagem, Camara e Bassini (2019) demonstraram que a religiosidade é uma dimensão humana necessária para o suporte do indivíduo, diante do luto.

Os profissionais da enfermagem, com uma formação que conta com um embasamento biomédico, cujo cuidado direto com o paciente reforça os vínculos afetivos, na iminência do luto, mostrou-se no estudo de Angelim et al. (2017), a esperança de melhora do quadro geral de saúde do paciente, que demonstra falta de preparo acadêmico, no sentido afetivo, social e religioso para as situações de finitude da vida.

A perspectiva religiosa na sociedade brasileira expressa aproximadamente 93% da população, de acordo com os recenseamentos de 2000 e 2010 (IBGE). Esse percentual abrange os movimentos religiosos de diminuição da religiosidade católica e, em contrapartida, aumento das religiosidades protestantes, espíritas e da não religiosidade, em menor grau (Somain, 2012; Queiroz, 2019).

Em qualquer contexto há uma influência marcante no âmbito social, por intermédio de símbolos e significados, que identificam a religiosidade como dimensão *sui generis*, inserida na vivência sociocultural e moral que configura os pilares sociais e as bases conceituais para tomadas de decisões, uma vez que algumas religiosidades influenciam vestimentas, atitudes, comportamentos no decorrer de toda a vida na religião (Costa, 2018). Conforme estudo de Silva et al. (2012), que indica que, com a eminência da morte, essa dimensão promove maior aceitação do estado salutar dos pacientes, que passam a ter maior apego religioso.

Apesar de potencialmente necessários aos pacientes, há de se levar em consideração que morte e religiosidade têm sido pouco exploradas pelos profissionais, alunos, instituições de ensino superior e técnicas das áreas da saúde. Atualmente, há um despreparo do cuidar nesses processos. Considera-se que a carência de abordagem, assim como a delicadeza desses tópicos repercutem, pela preocupação de que talvez o maior obstáculo a enfrentar quando há uma busca de compreender a morte seja o fato de que é impossível para o inconsciente imaginar um fim para sua própria vida (Kübler-Ross, 2008).

Os processos de morrer e morte, e o exercício do cuidado com dignidade devem ser discutidos no meio acadêmico e nas organizações hospitalares, com base em um paradigma integral. A partir da especificidade da profissão, os enfermeiros expõem-se ou envolvem-se com pacientes e, nestas relações sociais são revelados sentimentos que devem ser trabalhados, principalmente, em decorrência da morte (Fontoura, 2013).

Segundo Horta (2009), teórica clássica da área da enfermagem, a morte era definida estritamente pelo término dos batimentos cardíacos. A partir do advento de novas tecnologias, esse conceito foi ultrapassado pela compreensão da morte como um evento progressivo, de caráter biopsicossocial, que deve ser analisado pelo todo e aferida pelo profissional médico, mediante exame físico, aplicação da escala de Glasgow e exames complementares (Abraão et al., 2013; Paula, 2019).



Ainda que se trate de um mistério que gera medo e angústia, a morte e o pós-morte recebem explicações da perspectiva religiosa, que promove conforto e esperança diante do término da vida. Nesse panorama, a diversidade religiosa presente nas sociedades é capaz de conceber explicações para este evento transcendente. Dessa forma, a morte modifica-se conforme os valores e crenças adotados pelo indivíduo, cujas influências condicionam a preparação ou a educação para a morte (Paula, 2019).

Os autores reforçam que o indivíduo se ampara nos fundamentos da religião que elegeu ou por meio da crença no transcendente, que promovem conforto, orientação e sentido para a existência, seja mediante uma conexão com um Deus, como na maioria das religiões no Brasil, ou além de um Deus, a relação com as energias ou divindades da natureza, *nkisi* – divindades do candomblé de Angola e Congo, e outras divindades metafísicas do candomblé e umbanda, entre outras religiosidades. Conforme Nantes e Grubits (2017), considerar o fenômeno religioso no processo de cuidado é necessário, sobretudo, pelo exercício do cuidado ser inerente ao longo da existência humana, particularmente em momentos adversos, seja pelo advento de um agravo ou doença, ou pela instalação de uma condição de saúde crônica ou terminal.

A apropriação da teoria das representações sociais está vinculada ao objeto deste estudo, ao expressar o senso comum dos grupos religiosos e do grupo irreligioso e, a partir de então, provocar uma reflexão sobre as práticas profissionais. Para a autora clássica da Teoria das Representações Sociais Denise Jodelet, as representações sociais denotam “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social” (1994, p. 36). Então, esta teoria busca entender o senso comum dos grupos sociais acerca de um fenômeno presente na sociedade e que seja relevante, tendo em vista que a existência de representação somente é possível quando há um objeto representacional (fenômeno social) para um grupo social. A teoria indica que a representação consiste em uma reinterpretação ou simbolização de determinado objeto social, com uma finalidade prática (Jodelet, 1994).

Representar é uma maneira de classificar e de nomear o que é inclassificável, inominável, para sermos capazes de imaginá-lo, de representá-lo, constituindo um guia para uma ação que direciona comportamentos e práticas de grupos sociais (Moscovici, 2003; Villas-Boas, 2010). Dessa forma, as representações também podem influenciar determinados aspectos psicossociais destes processos. Por um lado, ao denominar o que incomoda, é possível auxiliar o indivíduo a se restabelecer. De outra forma, a compreensão da morte, do morrer e de suas representações sociais pelos grupos religiosos e ateus podem influenciar as práticas de cuidado aos doentes no processo de morte.

A enfermagem, como profissão que cuida em todas as fases da vida, tem sua atuação mais próxima nos processos de morte e morrer, paliativos e não paliativos. Ao longo da história humana, esses processos foram transpostos de uma compreensão familiar, natural e com sentido religioso, para acontecer nos hospitais, de forma fria e solitária, com sentido prioritariamente científico (Shimizu, 2007). No modelo de cuidados paliativos de enfermagem, bem como de outras áreas de saúde, há uma organização em torno de um cuidado mais compreensivo, para minorar o sofrimento

de pacientes, na direção de uma “boa morte” (Menezes, 2004); fora deste contexto, os outros âmbitos de cuidado persistem nas formas biomédicas e procedurais de assistência ao paciente, uma vez que há poucos serviços paliativos no Brasil, conforme pesquisa de Gomes e Othero (2016). A partir da consideração de que a delicadeza e presença da dimensão religiosa é necessária para um exercício de cuidado integral, elaboram-se as inquietações de saber como os grupos religiosos e ateus concebem a morte e o morrer? Qual o entendimento sobre o que ocorre com a pessoa após esse processo?

Os autores têm por objetivo analisar a representação social da morte para grupos religiosos e ateus. Neste contexto, nossa pesquisa pretende colaborar para uma discussão nos meios acadêmicos, das áreas da saúde e, principalmente, nas ciências de enfermagem, pois há escassez de estudos. Trata-se também de promover discussões a respeito da morte e do morrer no contexto religioso, em busca de ampliar as práticas de cuidado com esta dimensão humana, visto que as pesquisas no campo da saúde têm demonstrado os benefícios da religiosidade para pessoas diante desses processos.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa e enfoque processual na Teoria das Representações Sociais. Segundo Jodelet (2001), a abordagem processual destaca o aspecto constituinte ou processo de uma representação social. Ela ainda abarca os símbolos e significados relacionados às esferas sócio-históricas e culturais do objeto de representação.

Como cenários deste estudo foram escolhidos os templos religiosos, a saber, espírita, católico, umbandista, candomblecista e protestante. No entanto, os participantes ateus foram abordados em uma universidade pública. Todos os dados foram coletados na cidade do Rio de Janeiro, no período do segundo semestre de 2018 até o primeiro semestre de 2019. Priorizamos a escolha de instituições existentes há mais de uma década e composta por mais de 150 fiéis. Justifica-se a escolha do cenário citado para os ateus devido à face histórica decorrente deste grupo, que a partir do século XIX prioriza “informações e pensamentos científicos colocando em dúvida a real existência de um Deus” (Martin, 2014, p. 22).

Os participantes deste estudo, totalizando 27 sujeitos, pertencem a um dos templos religiosos mencionados ou à universidade pública. A amostra de pesquisa utilizada foi a não probabilística por conveniência, em decorrência do aceite e disponibilidade dos participantes do estudo. Os critérios de inclusão estabeleceram a colaboração de maiores de 18 anos, assim como a participação como membro de sua comunidade religiosa por pelo menos 1 ano. O critério de exclusão é referente aos indivíduos que professassem mais de uma religião, haja visto que os indivíduos com dupla pertença religiosa possuem concepções de vida e atitudes distintas dos

indivíduos com identidade religiosa única, que tendem a defender sua religião como única verdade (Ribeiro, 2018).

Como estratégia para coleta de dados, em um primeiro momento houve uma ambientação dos cenários do estudo para o reconhecimento da agenda de reuniões dos grupos e de possíveis cursos que tivessem ateus. Assim, foi essencial o suporte das lideranças religiosas e da administração da universidade para uma aproximação com os participantes e explanação da pesquisa. Em um segundo momento foi efetuado um levantamento de dados, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, seguido por formulário de caracterização sociodemográfica, no qual os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

As entrevistas foram realizadas por um dos autores, sendo registradas em um gravador, com tempo de gravação entre 30 e 40 minutos de duração. Os participantes são apresentados pela sigla "id", seguida por uma numeração crescente, e as variáveis sociodemográficas pesquisadas, a saber, religião, idade e sexo são decodificadas pelas siglas "rel", "an" e "sex", respectivamente.

Para análise dos dados foi utilizado o tipo de análise lexical com auxílio do *software* Iramuteq versão 0.7 alpha 2. Os arquivos das entrevistas foram transcritos e identificados por siglas citadas anteriormente. O conjunto dessas 27 entrevistas compôs o corpus de análise, que foi preparado segundo os seguintes procedimentos:

a) Todas as entrevistas foram colocadas em um único arquivo de texto no *software* Openoffice.org.; b) cada texto foi separado por linhas de comando com asteriscos, seguido das variáveis decodificadas; c) todo o conteúdo foi corrigido e revisado, sendo excluídas as intervenções do pesquisador e de todos os caracteres especiais, não aceitos pelo software; d) realizou-se a formatação do corpus textual alinhado à esquerda e a padronização das siglas; e) o arquivo do corpus preparado foi salvo como texto codificado (extensão .txt), e em seguida abriu-se uma nova janela onde foi escolhida a opção "manter formatação atual" e selecionadas as configurações "Unicode UTF-8" e "LF"; f) enfim, o arquivo foi processado no *software* Iramuteq (Camargo e Justo, 2013).

Desenvolvido por Pierre Ratinaud, o Iramuteq permite que o corpus denominado de unidade de contexto inicial (UCI) passe por vários processos de divisão até que seja subdividido em segmentos de texto, as ditas UCE - unidade de contexto elementar (Souza, 2018). Esse software permite ao pesquisador fazer análises estatísticas sobre corpora textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras, sendo ancorado no software R e na linguagem Python (Camargo e Justo, 2013; Nogueira, 2019). Com relação aos corpora textuais, o software Iramuteq estabelece a significância estatística de p-valor 0,0001, a partir dos maiores valores de χ^2 e de frequência das palavras provenientes do corpus com cada classe.

O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ sob parecer número 2.929.617, a

mesma foi realizada em consonância com os preceitos éticos vigentes através da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde.¹

Resultado

O grupo social pesquisado apresenta heterogeneidade em relação à idade e religião, e é majoritariamente feminino. A partir da utilização de uma estatística simples, a caracterização dos sujeitos demonstrou que 70,3% dos participantes pertencem ao sexo feminino. Os sujeitos de até 30 anos de idade correspondem a 40,7% do total do estudo, seguido pelos que se alocam entre 41 e 50 anos com 29,6%, entre 31 e 40 anos com 18,5%, 7,5% acima de 60 anos e finalmente, 3,7% entre 51 e 60 anos.

As variáveis que definem o grupo social da pesquisa, no que concerne à religião e ateísmo, as pessoas ateias integram 11,0% dos participantes. Os católicos representam 15,0% dos entrevistados e cada grupo de espíritas, candomblecistas, umbandistas e protestantes contou com 18,5% da amostra. Na tabela 1, apresentamos a caracterização sociodemográfica dos participantes.

As entrevistas foram processadas e analisadas pelo software Iramuteq, na versão 0.7 alpha 2, em um tempo de 13 segundos. Após o corpus ser processado, chegou-se ao número de 512 seguimentos de texto, sendo analisados 422. Esse estudo obteve 82,42% de aproveitamento, sendo satisfatório o mínimo de 75% da utilização do corpus todo, conforme Camargo e Justo (2013). Composto-se por 3124 formas, o corpus apresentou 18402 ocorrências, lematização de palavras com um total de 2116, com 1980 formas ativas de palavras e 11 formas suplementares.

O processamento do corpus da entrevista resultou em 5 classes, conforme indica o dendograma (Figura 1). Contudo, para a elaboração deste artigo foi aprofundada a classe 2, que contém as percepções da despedida face aos processos de morte e morrer, e na qual se expressa a atuação do transcendente nestes eventos.

Neste sentido, a classe utilizada para composição deste estudo teve como palavras mais significativas ou associadas à classe, como: ente, encarar, sempre, pessoa, família, falecimento, doloroso, oração, certo, fé, mais, perdoar, vazio, primo, tristeza, inferno e céu, de acordo com a tabela 2. De acordo com o relatório gerado, a classe 2 representou 23,22% do corpus aproveitado. A religião católica foi a variável mais estatisticamente significativa para esta classe.

No universo da amostra, que possui uma religiosidade majoritária, haveria um encontro destes conteúdos imagéticos e simbólicos para a construção do entendimento da despedida diante dos processos de finitude. Então, discutiremos esses conteúdos representacionais nas duas subclasses a seguir: o processo de morte e despedida: da naturalização à continuidade da vida e; o papel do transcendente no entendimento do processo da morte.

¹ Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012 (2012), que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde.

Religião	N	%
Espíritas	5	18,5
Católicos	4	15
Umbandistas	5	18,5
Candomblecistas	5	18,5
Protestantes	5	18,5
Ateus	3	11,11
Sexo	N	%
Feminino	19	70,3
Masculino	8	29,7
Idade	N	%
Até 30 anos	11	40,7
31 a 40 anos	5	18,5
41 a 50 anos	8	29,6
51 a 60 anos	1	3,7
Acima de 60 anos	2	7,5
Total	27	100

Tabela 1 – Distribuição dos participantes por religião declarada (porcentagem). Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2020. **Fonte:** Os autores, 2020.

Com relação ao dendrograma, os seguimentos de textos foram dimensionados e classificados de acordo com os vocabulários. Percebe-se a existência de uma divisão em dois eixos. O primeiro eixo deu origem à classe 2 e o subeixo que originou as classes 4 e 3, enquanto o segundo eixo originou as classes 1 e 5. O primeiro eixo versa sobre a institucionalização da

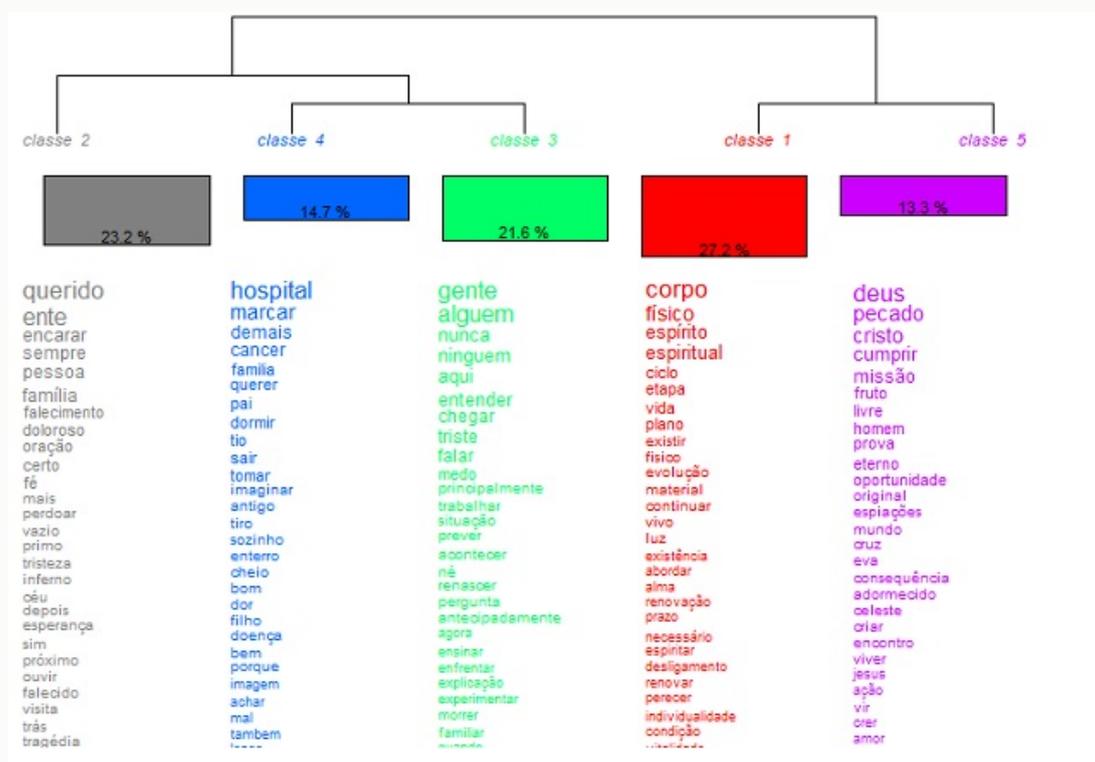


Figura 1 – Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente das Classes. Rio de Janeiro, 2020. **Fonte:** Elaborado através do Iramuteq, 2020.

morte e do morrer, bem como a negação da morte e do morrer para as religiões em face ao luto. Todavia, o segundo eixo aborda os Mecanismos de enfrentamento diante da morte e o morrer e a fé cristã.

O processo de morte e despedida: da naturalização à continuidade da vida

As várias facetas da morte e do processo de morrer contam com dor e sofrimento, além da lacuna deixada pela pessoa. O tipo de morte parece corroborar o nível de aceitação dos que ficam. Neste sentido, a morte prolongada promove uma compreensão de se tratar de alívio para o morto. No entanto, a morte súbita resulta em incompreensão e tristezas profundas (Lisboa e Crepaldi, 2003).

A morte, como fenômeno comum da coletividade, atravessa vários setores da sociedade e fatores individuais. Na coletividade, esse processo interfere no fator econômico, salutar e de desenvolvimento de um país. Como fator individual, pode representar a falta ou ganho de renda, e a perda de amparo familiar (Gurgel, 2007).

Ainda assim, esses processos são simbolicamente marcados pela despedida de quem morreu e de quem fica, conforme demonstrado pelas falas dos participantes. Em princípio, o processo de despedida integra as primeiras fases do luto e, também, a construção de sentidos a esse respeito. Muito do que se vivenciou nesses processos reverbera o enfrentamento, a partir de suas concepções religiosas.

*me despedi de alguns, avós, amigos, meu sogro, enfim, várias pessoas do convívio cotidiano, mas após algum tempo não há nenhuma delas que tenha permanecido como marca em minha mente pois a despedida é normal **** *id_1 *rel_espírita*

Porcentagem	χ^2	p-valor	Palavra/Variável
93.33	42.88	0,0001	Ente
100.00	26.96	0,0001	Encarar
65.22	24.06	0,0001	Sempre
41.94	23.43	0,0001	Pessoa
88.89	22.24	0,0001	Família
100.00	20.12	0,0001	Falecimento
87.50	18.90	0,0001	Doloroso
80.00	18.52	0,0001	Oração
100.00	16.73	0,0001	Certo
85.71	15.59	0,0001	Fé
41.35	27.06	0,0001	*rel_1 = católica
50.00	4.24	0.03943	*id_1 = até 30 anos

Tabela 2 – Palavras e variáveis mais significativas. Rio de Janeiro, 2020.

Fonte: Os autores, 2020.



*foi necessário se despedir, depois foi uma questão de olhar para trás e ver um sofrimento que teve início, meio e fim. Se este desligamento demorasse mais, seria mais sofrimento para uma pessoa amada e para mim**** *id_5 *sex_1 *rel_candomblé*

*nos encontramos com o evento da morte em funerais. Morrer é uma despedida desse mundo, que de início pode parecer triste, mas depois nos reencontraremos com o nosso pai que está no céu**** *id_1 **rel católica*

A despedida é evidenciada como estágio para os participantes, com um começo, um meio e um fim e, sobretudo, é naturalizada. Embora seja um processo doloroso, há indicação de consolo, por meio do entendimento religioso dos entrevistados.

Religião e religiosidade podem permear o entendimento dos familiares em relação à morte de seu ente querido (Lisboa e Crepaldi, 2003). No primeiro segmento de texto há uma naturalização da morte pelo participante espírita, de modo que é possível inferir que os vários processos de despedida permitiram a ele uma elaboração de seu sofrimento diante da morte.

No segundo relato de entrevista, o participante do candomblé explicita que a demora da pessoa morta em “desligar-se” acarretaria sofrimento a todos os envolvidos. Aqui apresenta-se a filosofia religiosa na compreensão do evento morte, no qual a pessoa, após o falecimento, torna-se um *egun* (alma na polaridade negativa). Na mitologia dessa religião, aqueles que morrem “na hora determinada, ... retornam ao céu”. Entretanto, as pessoas que têm seu tempo encurtado devido às más ações ou afronta às divindades, “ficam condenadas a errar sobre a terra” (*Aiye*), não encontrando o caminho do *Orun* (mundo espiritual), nem a paz (Cossard, 2011, p. 191).

Em um dos segmentos de texto há um processo de ancoragem psicológica por parte do participante católico, em que o morrer está relacionado a suas crenças religiosas. Objetivação e ancoragem constituem processos formadores de uma representação social (Alves-Mazotti, 1994). Assim, há uma face simbólica e metafórica do divino, como um “pai que está no céu”. O céu é símbolo da morada de Deus, Jesus, anjos, santos e dos bons cristãos mortos, conforme as passagens bíblicas (Wright, 2000).

Religiosos e ateus expressam a morte como um processo natural e irremediavelmente destinado a todos os seres vivos. A partir de sua perspectiva concedem um novo significado para este evento, pois tanto ateus quanto os religiosos interpretam este fenômeno social como inerente à vida, de maneira que conseguem suportar o sofrimento decorrente desta fase, com base em sua filosofia ou crença.

*dentre todas as formas de convivência onde pensamentos e atitudes podem ser relativizados, a morte nos traz uma única certeza que todos temos que passar porém, focando na tentativa de manter um equilíbrio na vida**** *id_4 *rel_catolica*

penso que seja somente isso alguns devem se desesperar, mas é a única certeza da vida e a fase deve ser encarada com naturalidade para quem

*acredita em vida depois da morte pensa que teu corpo vai se desintegrar e vai para o solo contribuir com ele**** *id_2 *sex_1 *rel_ateu*

*nunca alguém de minha família próxima morreu então não sei te responder o ateísmo me deu uma reflexão mais básica da morte a morte quebrou certos paradigmas e um desses paradigmas foi encarar a morte como algo bem natural e comum**** *id_3 *sex_1 *rel_ateu*

O participante católico demonstra que a certeza da morte promove o equilíbrio das ações em vida. Em um contraponto com a cosmologia do catolicismo, o homem existe em dualidade de corpo e alma, sendo a primeira mortal e a segunda imortal, enquanto o corpo é corrompido, a alma vincula-se à dimensão celeste (Reesink, 2014). Deste modo, “somente na morte é que o ser humano se torna definitivamente o resultado de sua vida vivida”, e encontrará com Deus nesta mesma configuração de personalidade, sendo aceita e ampliada para dimensões inimagináveis (Martini e Martins, 2012, p. 123).

Contudo, os entrevistados ateus contam com uma visão concreta dos processos de morte e morrer. A partir das falas de um dos participantes, o processo de morte é objetivado na figura da adubação do corpo depois da morte, quando ele diz que “vai para o solo contribuir com ele”. Objetivar significa que “abstrato se transforma em concreto” (Casado e Calonge, 2001, p. 76), consiste em materializar o que existe somente na mente no mundo físico (Moscovici, 2003). Outro entrevistado demonstra que o ateísmo favoreceu suas reflexões acerca da despedida nestes eventos, pois a morte é adjetivada pelos termos “natural e comum”.

Segundo estudos de Wilkinson e Coleman (2010), os participantes demonstram que tanto o ateísmo quanto a religião são fontes de significado para as pessoas, e tornam o enfrentamento da morte mais eficaz. Desta forma, para os participantes ateus, a representação da morte é considerada como uma fase natural da vida, em que segundo os relatos dos participantes, a filosofia do ateísmo ajudou a refletir sobre a morte e o morrer como evento natural e biológico. Enquanto para os participantes religiosos, as respectivas religiões concedem explicações que ajudam a suportar o sofrimento advindo desta etapa da vida além de estimular atitudes positivas frente à vida. No tocante aos participantes católicos, a certeza da morte é tida como promotora de atitudes positivas, como buscar um “equilíbrio de vida” e, também, concede explicações transcendentais de reencontro, para enfrentar o sofrimento do advento da morte. Para o participante candomblecista, a religiosidade e o conhecimento acerca do sofrimento do processo de morrer concedem suporte para este momento difícil. Para o participante espírita, a representação da morte é considerada como normal, enquanto para os protestantes, assim como na concepção da Grécia Antiga, em que os deuses do sono - Hipnos, e da morte - Tãtatos, são irmãos, a percepção deste grupo religioso é de que na morte as pessoas dormem até a “volta de Cristo”. De acordo com a vertente desta religião, a concepção acerca da morte e do morrer diferem (Campos, 2016). A visão particular de cada um sobre a morte resulta de uma série de fatores, associados à herança cultural, formação pessoal e convívio social (Teixeira et al., 2006), em que os indivíduos reconstroem os objetos representacionais, neste caso a morte e o morrer; e podem expressar-se a partir da ressignificação desses conceitos.

Segundo Moreira e Lisboa (2006), é necessário naturalizar a morte, assim como se faz pelo conceito de vida. Assim, o evento da morte deve ser vinculado ao processo de vida como natural, mas finito, para influenciar o indivíduo a valorizar ambos os processos. Então, a necessidade da conscientização da finitude tem por consequência um melhor enfrentamento do luto, propiciando o conceito de natural tanto o viver quanto o morrer (Siman e Rauch, 2017).

O papel do transcendente no entendimento do processo da morte

O transcendente revela a face impermanente do processo de morte e morrer, por intermédio da crença nas respectivas filosofias religiosas. Nelas reside o consenso de vida após a morte, numa dimensão que, embora desconhecida pela ciência, é aceita pelo entendimento religioso. No tocante ao fenômeno da morte e do morrer, o conhecimento religioso consegue dar vazão à necessidade dos indivíduos de encontro de alento para a perspectiva de não mais encontrar os que já morreram. Sincronicamente, as religiões consideram que os mortos se encontrarão em outra dimensão.

Os participantes deste estudo revelam a crença no pós-morte sob suas respectivas religiosidades, em que as explicações acerca da continuidade da vida no pós-morte aliam-se à distância temporária da vida que precede o pós-morte.

*o que difere é o que se dá depois da morte, para mim é estar com o senhor, quando ele retornar sim, como não**** *id_4 *reL_protestante*

*foram muitas perdas ao longo dos anos e isso só serviu para aumentar a minha fé porque eu tenho certeza que logo estaremos juntos de novo, em uma nova vida, muito melhor do que essa, profundamente triste**** *id_3 *reL_catolico*

*sim, pois penso que na eternidade poderei rever aqueles que morreram, isso conforta o coração. Tristeza e sensação de vazio, pois todos pecaram e se transformaram em seres mortais. A pessoa fica dormindo esperando a volta de cristo**** *id_2 *reL_protestante*
*como a vida depois da morte é tida como uma certeza, o foco dos ensinamentos se volta quase sempre para esta vida, não para morte em si mesma. Morrer é se libertar de parte de sua personalidade e descobrir outras**** *id_1 *reL_espírita*

As falas dos entrevistados indicam um processo de ancoragem psicológica a respeito da morte e do morrer. Cada religioso se ancora nos ensinamentos de sua religião para entender e aceitar esses processos. Dentre as várias denominações dos protestantes, para alguns existe a crença de que o morto dorme até o fim do mundo, momento em que haverá a ressurreição dos mortos e o juízo final. Outros, porém, fiam-se na certeza de encontrar-se com Deus logo após a morte (Shirosaki, 2015; Campos, 2016).

Para os católicos e protestantes, a morte não significa a aniquilação de tudo. Estas concepções religiosas contam com a ideia de um encontro do indivíduo com sua consciência e, posteriormente, um encontro com o divino na figura de Deus. Para o católico, a existência



da dimensão espiritual é pautada pela fé na figura de Deus. Assim, a vida de uma pessoa se perpetuaria nessas dimensões, pautada pela certeza do contexto místico da ressurreição de Jesus, nas quais seria possível a comunhão com Deus e todas as pessoas no céu (Martini e Martins, 2012).

Segundo a doutrina espírita, existe um processo de reencarnação, em que após a morte, o ser humano retorna a um corpo para novas experiências, com o intuito de aprendizado e por inúmeras vezes, de acordo com a necessidade de evolução do espírito (Neto, 2017). Assim como o entrevistado espírita revisita a compreensão de morte e morrer mediante a metáfora de “libertação da personalidade” na perspectiva de sua religião, e na face simbólica da mesma.

Há, ainda, um encontro de sentidos entre as religiosidades católica, protestante e espírita, na crença em uma dimensão transcendental em que residirá o espírito após a morte. A religião e religiosidade, então, são o suporte necessário para o sofrimento causado pela morte, conseguindo alentar aqueles que sofrem por outrem e também pelo medo de si, por seu aspecto consolador e inefável para o fiel (Simon e Rauch, 2017).

Conclusão

O cerne da aceitação do fenômeno da morte advém da compreensão elaborada pelo grupo social, com base em suas respectivas crenças ou filosofia de vida. Assim, tanto o ateísmo quanto as religiões exercem papel fundamental na elaboração de luto pelos sujeitos, revelando que para os participantes desse estudo as explicações científicas ou a esperança proposta pela fé é um subsídio necessário para enfrentar a lacuna de uma perda.

O ateísmo revela uma dimensão mais material para os objetos representacionais, a saber, a morte e o morrer, enquanto a religião e suas religiosidades promovem duas facetas: a material e a espiritual. Assim, enquanto o ateísmo promove a objetivação dos processos de morte e morrer, as religiões exortam a ancoragem de seus ensinamentos projetando a crença na dimensão espiritual e, também, objetivando a divindade na forma de pai.

As explicações materiais e espirituais promovem conforto, para aqueles que sofreram a perda de um familiar, amigo ou cliente. A aceitação deste momento pode ser auxiliada pelo conhecimento das crenças religiosas do cliente e familiares/amigos por parte dos profissionais de enfermagem, e quando os mesmos trabalham estas questões na escuta ativa diante do processo do morrer.

Diante do exposto, os autores reiteram a elaboração de mais estudos que visem aprofundar os processos de morte e morrer, e a religiosidade ou ateísmo nas ciências de enfermagem, haja visto que estes tópicos se mostraram imprescindíveis e inegociáveis para o cuidado de clientes dos grupos religiosos, na perspectiva do cuidado de seus grupos sociais no *post-mortem*, tendo em vista que a crença religiosa pode amenizar o sofrimento daqueles que ficam, auxiliando o cuidado que também se estende à família e amigos do paciente, e à própria equipe de saúde. Ao reconhecer a dimensão espiritual/religiosa presente ou ausente nos indivíduos, os profissionais de saúde promovem um cuidado mais ampliado e benéfico para indivíduos que estejam atravessando esses processos de morte e morrer.



Referências Bibliográficas

- Abraão, F. M. S. et al. (2013). Representações sociais de enfermeiros sobre a religiosidade ao cuidar de pacientes em processo de morte. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66 (5), 730-737. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000500014>.
- Camara, S. L. & Bassani, M. A. (2019). Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 39 (96), 129-140. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20190012>.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). http://iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_17.03.2016.pdf.
- Casado, E. & Calonge, S. (2011). *Conocimiento social y sentido común*. Caracas: Fondo Editorial de Humanidades y Educación.
- Cossard, G. O. (2011). *Awó: o mistério dos orixás*. Rio de Janeiro: Pallas
- Costa, L. P. M. A. (2018). *Religião e processos de significado no luto*. [Tese de Doutorado, Universidade Portuguesa].
- Fontoura, E.G. (2013). *Sentido da vida: vivências dos cuidados de enfermeiros à pessoa no processo de morte e morrer*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia].
- Gomes, A. L. Z. & Othero, M. B. (2016). Cuidados paliativos. *Estudos Avançados*, 30 (88), 155-166. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142016.30880011>.
- Gurgel, B. W. (2007). A morte como questão social. *Barbarói*, 27, 60-91. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.138>.
- Horta, W. A. (2009). *Processo de enfermagem*. São Paulo: EPU.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2002). *Documentação do Censo 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jodelet, D. (1994). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (dir.). *Les représentations sociales* (pp. 47-78). Paris: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Kübler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lisboa, M. L. & Crepaldi, M. A. (2003). Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. *Paidéia*, 13 (25), 97-109. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2003000200009>.

- Martin, S. L. (2014). *Comunicação e ateísmo: novas contexturas no Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Municipal de São Caetano do Sul].
- Martini, A. & Martins, A. A (orgs.). (2012). *Teologia e saúde: compaixão e fé em meio a vulnerabilidade humana*. São Paulo: Paulinas.
- Menezes, R. A. (2004). *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. <https://doi.org/10.7476/9786557081129>.
- Moreira, A. C. & Lisboa, M. T. L. (2006). A morte – entre o público e o privado: reflexões para a prática profissional de enfermagem. *Revista de Enfermagem da UERJ*, 14 (3), 447-454.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Nantes, A. C. & Grubits, S. (2017). A Religiosidade/Espiritualidade como um Possível Fator de Ajuda. *Revista Contemplação*, 16, 73-84.
- Neto, A. C. (2017). *A morte na visão do espiritismo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Nogueira, V. P. F. (2019). *As Representações Sociais da Espiritualidade e da Religiosidade para pessoas que vivem com HIV/Aids: estrutura de pensamento, enfrentamento da síndrome e cuidado de enfermagem*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Paula, G. S. (2019). *A morte e o morrer e suas representações sociais para ateus e fiéis de diferentes religiões*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Shimizu, H. E. (2007). Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60 (3), 257-262. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000300002>.
- Shirosaki, S. (2015). O suicídio: uma outra visão perante a morte. *Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão*, 7 (5), 53-57.
- Silva, C. R. et al. (2012). Religião e morte: qual a relação existente? *Revista Enfermagem Contemporânea*, 1 (1), 130-141. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v1i1.49>.
- Siman, A. & Rauch, C. S. (2017). A Finitude Humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. *Faculdade Sant'Ana em Revista*, 1 (2), 106-122.
- Somain, R. (2012). Religiões no Brasil em 2010. *Confins*, 15. <https://doi.org/10.4000/confins.7785>.
- Souza, K. P. D. S. (2018). *A representação social da religiosidade para as pessoas que vivem com HIV/Aids atendidas num hospital universitário do Rio de Janeiro*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Teixeira E. et al. (2006). Enfermagem. In A. E. Haddad et al. *A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991-2004* (pp. 141-168). Brasília, Distrito Federal: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Wilkinson, P. J. & Coleman, P. G. (2010). Strong Beliefs and Coping in Old Age: A Case-based Comparison of Atheism and Religious Faith. *Ageing and Society*, 30 (2), 337-361. <https://doi.org/10.1017/S0144686X09990353>.

Wright, J. E. (2000). *The Early History of Heaven*. New York: Oxford University Press.

Alves-Mazzotti, A. J. (1994, janeiro a março). Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. *Revista Em Aberto*, 61, 60-78.

Villas-Boas, L. P. S. (2010, agosto). Uma abordagem da historicidade das representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, 40 (140), 379-405. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000200005>.

Reesink, M. L. (2014, dezembro). La Personne Catholique. Comment des catholiques brésiliens pensent l'être humain. *Vibrant Virtual Brazilian Anthropology*, 11 (2). <https://doi.org/10.1590/S1809-43412014000200005>.

Campos, L. S. (2016, setembro a dezembro). Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, 16 (3), 144-173. <https://doi.org/10.21724/rever.v16i3.31185>.

Angelim, R. C. M. et al. (2017, setembro). Processo de morte/morrer de pessoas com HIV/AIDS: perspectivas de enfermeiros. *Revista Cuidarte*, 8 (3), 1758-1766. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v8i3.414>.

Ribeiro, C. O. (2018, setembro a dezembro). Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. *Estudos de Religião*, 32 (3), 93-115. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v32n3p93-115>.

Queiroz, C. (2019, dezembro). Fé pública. *Revista Pesquisa Fapesp*, 286. <https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/>.

Recebido em: 1 de outubro de 2020

Aprovado em: 16 de julho de 2022

